

5a. PARTE — TRANSCRIÇÕES

RELENDO MARITAIN

Dom Ireneu Penha

Assim que me decidi por este título, como razoavelmente adaptado a um escrito que quer, antes de tudo, ser uma homenagem de apreço e gratidão ao muito querido e venerado mestre que hoje estaria completando 100 anos, advirto ao equívoco inevitável que ele contém, para o leitor de hoje. É que “reler” passou a significar “tresler”, reinterpretar, interpretar em oposição ao que vinha sendo feito até agora. “Releitura” é eufemismo para tudo isso. Ora, fazê-lo em relação a Maritain está nos antipodas do que eu gostaria de fazer, embora certamente me atraísse leitores que prefiro decepcionar.

Na verdade, Maritain mesmo, que ficou fascinado por S. Tomás desde o primeiro contato que teve com o pensamento — e a pessoa — deste, pouco depois da sua conversão e batismo, nunca cessou de ler, e ler, e ler as obras do Anjo da Escola. Mas nunca lhe fez nenhuma “releitura”. Ou antes, terá feito, mas num sentido mais sutil, mais profundo e verdadeiro da palavra: e foi isso justamente que um certo tipo de pensamento (ou coisa que o valha) universitário, mesmo (e até principalmente) católico nunca lhe pôde perdoar. Explico. Maritain se apresenta brutalmente como “tomista”. Não “neotomista”, mas simplesmente tomista. Não “tomistólogo” (no sentido em que há os “marxólogos”), mas, exatamente, **tomista**. Maritain viu, com o auxílio de S. Tomás, os mesmos princípios que este; e desta visão fulgurante voltou, identificado com o seu mestre e com a superior liberdade da inteligência que é servidão à Sabedoria, para caminhar com esta luz, no meio dos labirintos do pensamento moderno, no meio dos escolhos dos problemas atuais. Censuram-no então de dois quadrantes bem diversos.

Os “hiper-tomistas” acham-lhe excessiva esta liberdade: prefeririam vê-lo repetir S. Tomás, mesmo que este viesse a parecer (como em certos manuais hoje esquecidos, “ad mentem S. Thomae”) um pensador empalhado, uma peça de museu; os “modernos” (que não desejam senão “iluminar” o pensamento e o ensino universitário católico com Hegel, Marx, Sartre, Heidegger...) não podiam admitir-lhe o arcaísmo, a ingênua pretensão de que um pensador do século XIII pudesse “superar” Descartes, Kant e sua descendência ilustre. A este respeito, eis algumas linhas de inigualável nitidez, no prefácio do “**Docteur Angélique**”, de 1930:

“Para bem dizer, no fundo daquilo que se opõe ordinariamente ao atual renascimento da filosofia de S. Tomás, existe um único preconceito: um dos nossos críticos o deixava ingenuamente transparecer, quando falava desse ‘autor do século XII’ que ‘se está colocando acima da história’. A questão está em saber se se tem ou não o direito de admitir que haja alguma coisa **acima da história** e que possam existir valores supra-históricos.”

Maritain foi sempre sensível, dolorosamente sensível, a esse espinho com que o feria a recusa, o fechamento sistemático dos setores mais responsáveis da intelectualidade, principalmente francesa, em face daquilo que foi justamente a sua opção fundamental. Leiamos (releiamos...) uma passagem algo amarga que faz parte de um texto de extraordinária finura onde ele descreve “uma certa atitude em face da verdade”:

“... gostaria de permitir-me uma outra digressão, simplesmente para marcar um ponto de fato. Eu desejaria observar que entre as duas guerras uma ocasião histórica se ofereceu em França àquilo que se chamou o renascimento tomista, e que a **inteligentzia** católica não soube aproveitar. Ela tinha outra coisa em mente, filosofias mais modernas, as exigências da atividade imediata, as rivalidades de Ordens, de escolas ou de tendências. Eu não gostaria de dizer nada que fosse desairoso para quem quer que seja, mas preciso notar que um certo propósito firme de evitar S. Tomás não é nada honroso para a perspicácia dos filhos da luz.” (**Les chemins de la foi**, lição de abertura da Semana dos Intelectuais Católicos Franceses, 1949).

Ora, até um certo ponto se pode dizer que a oposição subjacente à recusa e ao bloqueio que tornava e ainda torna a intelectualidade acadêmica contemporânea como que alérgica à mensagem por certos lados tão simpática, tão atraente, tão límpida de Maritain, é uma dessas oposições radicais e inevitáveis, aquela mesmo que faz do pensamento antigo uma filosofia do **ser** e do pensamento pós-cartesiano uma filosofia do **co-gito**. Maritain mesmo, num dos textos mais “brutais” e que mais escandalizaram certa faixa de leitores do seu livro mais ruidosamente discutido, **Le Paysan de la Garonne**, assume a incompatibilidade e chega à sua última consequência:

“De todos os pensadores — e grandes pensadores — cuja linhagem se origina em Descartes, eu não contesto nem a excepcional inteligência, nem a importância, nem o valor, nem, por vezes, a genialidade. A respeito deles eu não contesto absolutamente senão uma coisa, mas eu a contesto com todas as minhas forças e com a certeza de ter razão: é, salvo, naturalmente, no que diz respeito a Bergson (e talvez também Blondel), o seu direito ao nome de filósofos. Eles não são filósofos; são **ideósofos**: é o único nome exato, e pelo qual convém chamá-los. Por si mesmo, não é pejorativo: designa simplesmente um **outro** caminho de pesquisa e de pensamento que não o caminho filosófico. Rogo ao leitor com insistência que não tome o que acabo de dizer por uma **boutade** de velho louco. Eu sou velho, mas não louco, etc.”

Olho por olho... Mas o público universitário, que lê gostosamente em Heidegger a tranqüila afirmação de que a Metafísica começa com ele (“No tratado “Ser e Tempo” a questão sobre o Sentido do Ser é posta e desenvolvida pela primeira vez na história da filosofia COMO QUESTÃO propriamente dita”. M. Heidegger, **Introdução à Metafísica**, tr. bras., p. 141); que já se habituou, desde Descartes, a recomeçar do zero (ou fingir que o faz) toda meditação filosófica, que lê em Hume, em Kant em Comte e até em Russell afirmações equivalentes, resolve tomar como insulto o que não é mais que a expressão clara da sua própria posição. Não admite que o Camponês do Garona dê o nome aos bois. Aquela reação do burguês que não repele as mais abomináveis **coisas**, mas se assusta e escandaliza com **palavras**. “**Les mots et les choses...**” Maritain, como

Hume, poderia dizer, em suma: “Eu me expus à inimizade de todos os metafísicos, lógicos, matemáticos e até teólogos; e posso admirar-me dos insultos que sou obrigado a sofrer? Declarei minha reprovação dos seus sistemas; e posso surpreender-me, se eles vierem a exprimir ódio ao meu sistema e à minha pessoa?” (Hume, **Treatise**, I, 4, 7). Há porém uma “**petite difference**”: Maritain não se dá por um iniciador, um criador de sistema **ex-nihilo**. É um continuador, um humilde discípulo que se situa numa cadeia de tradição e continuidade...

Mas não quero parar aqui as minhas releituras. Quero reler também o Maritain todo-ouvidos, o Maritain atento, mais do que ninguém, ao trabalho alheio, o Maritain pronto a procurar a pérola da verdade sob a ganga dos erros, o Maritain acolhedor, dotado de um senso agudo da cooperação. Este foi um dos temas permanentes da sua pesquisa e meditação. Implícito em muitos dos seus escritos, explícitos em outros, concretamente realizado por ele em relação ao Bergsonismo. Ex-discípulo de Bergson, Maritain inicia o seu itinerário intelectual com uma crítica do Bergsonismo; nunca cessa de retocar, aprofundar e reformular esta crítica; nunca cessa de buscar um “Bergsonismo de intenção”; nunca deixa de reconhecer em Bergson um caso à parte na filosofia contemporânea; de algum modo mostra como o seu próprio pensamento se alimenta e revigora e é “focalizado” ao contato estimulante do velho mestre.

A cooperação filosófica é o tema de uma conferência no Angelicum (Roma) em 1946, publicada como o capítulo IV de **Raison et raisons**. Maritain apresenta o seu trabalho como resposta ao apelo de um autor americano, Dr. Wilmon Sheldon, em dois artigos da revista **The Modern Schoolman**, sob o título **Can Philosophers Cooperate?** Examina de modo especial o caso da relação Tomismo-Pragmatismo, colocando-se sucessivamente, depois de enunciar alguns princípios gerais, do ponto de vista das possíveis “trocas doutrinárias” e do “mútuo envolvimento (por reinterpretação) inteligível das filosofias”. Depois de considerar rapidamente mais dois casos, o do existencialismo e o da dialética hegeliana, conclui com algumas páginas preciosas sobre a “Purificação das potências do sujeito”, onde se lê:

“Se eu fosse até o fim do meu pensamento, diria, não sem uma certa melancolia, que não são verdadeira e decisivamente capazes — digo capazes — de justiça intelectual senão a pura história das idéias, porque ela não tem doutrina e não é uma filosofia, ou então a filosofia cristã apoiada nos princípios de S. Tomás, porque é uma doutrina que tem o amor e o zelo do ser e o senso da analogia; o que torna mais contristador o caso daqueles cristãos que, para fazer justiça aos sistemas modernos, julgam dever desviar-se de tal filosofia, desconhecê-la e desprezá-la; e o caso daqueles discípulos da filosofia tomista que fazem injúria à sua capacidade infinita de compreensão e usam das fórmulas que aprenderam para se dispensarem de considerar o pensamento dos outros, criticado tanto mais peemptoriamente quando não se espera dele mais que o erro.” (...)

“A verdadeira solução exigiria que se conseguisse fortalecer interiormente essas faculdades (“**puissances du sujet**”) e devolver aos espíritos o gosto da verdade, desintoxicar e purificar o seu olhar. Para isto mesmo, enfim, é aí que eu queria chegar, só há um remédio: despertar no mundo o senso e a estima da contemplação.” (...)

No pensamento dos grandes filósofos Maritain nos ensina a procurar a intuição fundamental, o segredo íntimo do pensamento em estado nascente, com toda a energia de verdade que é a sua vida e que pode ter sido obscurecida, enfraquecida, falsificada mesmo na expressão conceptual em que tomou forma definitiva. Aprendemos com ele a amar e respeitar o trabalho desses grandes espíritos, os “faróis” de Baudelaire. Tal “abertura”, que é compatível com a firmeza doutrinal de quem recusa toda conciliação fácil e superficial, todo irenismo ecleticista e estéril, é a solução difícil, a via estreita da inteligência que vê o seu bem em tudo que é conforme ao ser.

“A cooperação entre filósofos não pode ser senão uma vitória da inteligência sobre si mesma e sobre o universo do pensamento por ela criado — vitória difícil e precária, conquistada pelo rigor e a justiça intelectuais, sobre a base de antagonismos irredutíveis e inevitavelmente perduráveis.

(Transcrito do “Jornal do Brasil”. Rio de Janeiro, 18-11-1982).